

As várias faces da social-democracia de Fernando Henrique

por Maria Cristina Fernandes
de São Paulo

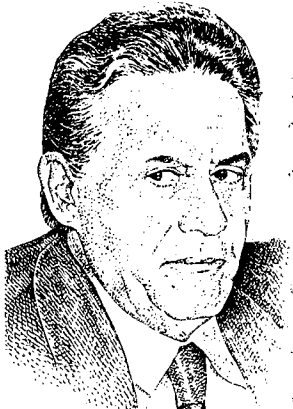
Se o senador Fernando Henrique Cardoso acordar eleito presidente da República no dia 4 de outubro é a imagem do primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, que ele quer ver refletida no seu espelho.

Ao longo dos seis meses de campanha, a gestão de Gonzalez — o dirigente europeu há mais tempo no poder depois do francês François Mitterrand — tornou-se referência recorrente às indagações sobre que cara teria um possível governo Cardoso.

Não fossem tantas as faces dos quatro mandatos de Felipe Gonzales seria mais fácil distinguir o que Fernando Henrique Cardoso quer ver no seu espelho.

Se a imagem procurada for a de 1982, quando o jovem de olhos miúdos e cabelos cheios repartidos do lado esquerdo, abandonou a jaqueta e a camisa xadrex sem gravata pelo terno de socialista que o levou ao palácio de Moncloa como o mais popular líder político da Espanha pós-Franco, as semelhanças com o tucano não saltam à vista.

A imagem pode ficar mais nítida se focalizada simultaneamente no passado de "Trotsky" — o apelido de "Fid" — o nome de "Cardoso" — a clandestinidade — o franquismo, e no intelectual exilado na Espanha, uma ordem de prisão preventiva no Brasil dos militares e um dos pais da teoria da dependência, que trouxe reconhecimento internacional à sociologia latino-americana.



Fernando Henrique Cardoso

Sérgio Pinheiro. A mais original explicação de Fernando Henrique para a aliança com o PFL foi a de que "sai mais barato" fazê-la antes que depois das eleições. O que não se nota é que as afinidades podem ser encontradas dentro do próprio PSDB.

Apoio a Sarney origina dissidentes do PSDB

Naquela época, Fernando Henrique revolucionou o pensamento político de esquerda na Cepal (Comissão Econômica para a América Latina) com a tese que hoje pede para ser esquecida, de que era a associação entre o capital nacional e estrangeiro que mantinha a dependência da periferia pobre em relação aos países ricos.

É na redemocratização dos dois países que a imagem do intelectual e a do filho de camponeses de Sevilha começa a tomar contornos mais distintos. Gonzalez ajuda a reconstruir o velho Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), posto na ilegalidade durante o regime de Franco.

Na Espanha, conservadores estão na oposição

Cardoso participa das primeiras reuniões que originariam o PT mas acaba permanecendo no PMDB de onde sai em 1988 para fundar o PSDB em protesto à adesão de parte de seu partido à troca de favores na Constituinte que garantiu os cinco anos de mandato para José Sarney, hoje o mais cotado chanceler para representar o País governado por Fernando Henrique no exterior.

"Não se pode comparar o PSOE, que nasceu do sindicalismo espanhol do século ao PSDB. O partido dos tucanos é o único no mundo a se dizer social-democrata sem uma base sindical", analisa o professor Luiz Felipe de Alencastro, pesquisador do Centro Brasileiro de Planejamento e Análise (Cebap), instituição fundada por Fernando Henrique e por duas décadas abrigo dos intelectuais de esquerda do País, inclusive a mulher do candidato tucano, Ruth.

Se é a face moderada do quarto mandato de Gonzalez de que se fala, as semelhanças também não são evidentes. Reeito em 1993 apesar dos índices recordes de desemprego, das acusações de corrupção e dos protestos dos sindicatos que o acusam de adotar o receituário neoliberal para combater a recessão, Gonzalez foi buscar nos conservadores catalães o apoio necessário à sua maioria no Parlamento mas o tucano como mais forte opositor o Partido Popular, que abriga os herdeiros do franquismo.

"Os atuais franquistas da Espanha são o equivalente ao PFL", alfineta o cientista político da USP, Paulo